

Reflexões

O Velho e sua Identidade



Sandra Maria Senise Tavares

Sou professora de inglês e de português para estrangeiros, formada em Letras, com especialização em Tradução e Interpretação. Há muitos anos, após cogitar alguns outros cursos superiores, entrei na PUC-SP em Serviço Social, mas, embora na época tenha decidido trancar a matrícula para cursar outra faculdade, sempre me senti atraída pelo trabalho de assistência social, sobretudo àquele voltado ao idoso. Entretanto, apesar de já ter prestado trabalhos voluntários com crianças e idosos algumas vezes, nunca tive nenhuma experiência formal com eles.

Quando soube que teríamos que fazer uma reflexão sobre o curso de extensão Gerontologia - Fragilidades da Velhice, procurei focar naquilo que mais me chamou a atenção no decorrer das nossas aulas: a importância de se respeitar cada indivíduo e sua história pessoal, principalmente quando se discutem a melhor forma de tratamento, a tão divulgada “qualidade de vida” e as melhores políticas a serem adotadas com o público maior de 60.

Respeitar cada indivíduo com sua história pessoal é uma necessidade que se faz notar em todas as relações, sejam elas pessoais, ou profissionais. Tende-

se a estereotipar principalmente aqueles que têm características diferentes do padrão comum, como exemplo, os deficientes físicos e os idosos, tão erroneamente considerados incapazes e, como consequência dessa postura, limita-se demais o entendimento do universo particular de cada indivíduo.

Meus pais estão ambos com 92 anos e no decorrer de nossas aulas, diversas vezes pensei neles e na maneira como vêm vivendo seu envelhecimento, de uns anos para cá.

Meu pai é engenheiro eletrônico e foi professor universitário por opção durante décadas, além de se dedicar à pesquisa e prestar serviços de consultoria. Há alguns anos não leciona mais, mas continua trabalhando entusiasmado com pesquisa e consultoria. Muito recentemente teve um projeto de pesquisa aprovado pela FAPESP e foi convidado a palestrar em mais um congresso, o que lhe deixou muito satisfeito.

Minha mãe vem apresentando falhas de memória recente, já há cerca de um ano, mas também ainda tem muita disposição para fazer Pilates, preparar uma listinha de compras e ir ao supermercado, administrar a casa, conversar sobre assuntos diversos com amigos, filhos e netos e frequentar aulas de pintura em porcelana. Podemos, portanto, dizer que formam um casal de muita sorte se os compararmos com tantas outras pessoas na mesma faixa etária. Temos ainda o grande privilégio de vê-los sempre muito unidos, comemorando a data de seu casamento mensalmente, há quase sessenta e cinco anos!

Apesar de ter meus pais em uma situação privilegiada, não posso deixar de pensar em tantos outros velhos que vivem marginalizados, seja pela própria família, pela sociedade, ou por ambos. Essa marginalização se dá com muita evidência também quando o velho necessita de atendimento profissional, pois não importa em que situação física e social o velho se encontre, será tratado como alguém que já não pode tomar decisões, nem produzir algo interessante para a sociedade em que vive.

Há cerca de dois meses, levei meu pai ao meu cardiologista, com quem me consulto há vários anos, certa de que ele o atenderia muito bem. Trata-se de um profissional bastante qualificado e respeitado, mas infelizmente, ao ter conhecimento da idade de meu pai, tratou-o como uma criança e mal olhou para ele durante toda a consulta, dirigindo todas as perguntas e explicações a mim. Saímos extremamente frustrados e meu pai me disse que não gostaria de voltar lá.

É provável que se esse mesmo cardiologista atendesse um idoso com algum tipo de demência em estado avançado, o acompanhante do paciente saísse muito satisfeito do consultório, pois, afinal de contas, é um médico com bastante conhecimento técnico, mas para alguém como o meu pai, cuja vida, sobretudo intelectual, ainda é tão pulsante, esse tipo de tratamento acabou sendo uma verdadeira humilhação, pois sua capacidade de discernimento e compreensão passou despercebida.

Fica muito evidente que existe um padrão estabelecido para o atendimento ao velho e que falta uma visão mais ampla por parte do profissional para percebê-lo como um ser único, com suas necessidades e sua história próprias. O profissional parece seguir uma espécie de cartilha de verdades absolutas e não consegue ter uma visão mais ampla que lhe permita pensar cada caso, cada nova história de vida e cada nova situação em que se encontra seu paciente. Restringe-se ao conhecimento técnico.

É evidente a urgência em se preparar melhor o profissional que lida com o velho e acredito que em todos os cursos que visam ao atendimento às pessoas, em geral, sejam eles na área da saúde ou em outras áreas, deveria ser incluída uma disciplina específica sobre o lidar com o velho em diferentes contextos sociais, familiares e psicológicos.

Por que foram estabelecidos esses estereótipos do velho entre nós? A partir de que momento começamos a considerar o velho como alguém que já não pode produzir nada, não pode acrescentar muita coisa à vida de ninguém, sendo visto como um ônus para sua família e o meio em que vive? Como tentar mudar esta forma de ver o velho?

Para pensarmos essas questões, precisamos nos lembrar de que o conceito de “velho” vem mudando muito nos últimos séculos.



No século XVII, considerava-se velho quem tivesse 40 anos ou mais. Hoje, é velho quem tem mais de 60 anos, mas a expectativa de vida no mundo todo aumentou muito e no Brasil, onde até algumas décadas atrás, esperava-se que a vida terminasse em torno dos 65 anos, hoje as estatísticas comprovam que

se vive em média até 75 anos. Sem mencionar os longevos, que vivem 90, 100 anos e até mais.

Estamos, aos poucos, aprendendo a repensar o conceito de velhice e o que fazer com o velho atual, para que seja reinserido na sociedade. Esse processo certamente é longo, porém, não é impossível. Deve-se mudar a maneira de ver o velho, a partir da família de que faz parte. E para isso é fundamental que se ensine às crianças, desde pequenas, que o velho é alguém importante na família e na sociedade. A conscientização das crianças deve ser feita em casa e na escola. A criança deve entender que o velho tem, sim, limitações, sobretudo físicas, mas que deve ser valorizado, não só por sua experiência de vida e as tantas histórias que tem para contar, mas porque é também alguém com sentimentos, ambições e capacidade mental, como qualquer um.

Quando se tiver uma compreensão geral da capacidade do velho e do quanto ele pode acrescentar à sociedade em que vive, não só em termos de vivência e valores, mas também economicamente, não será mais necessário tentar reinseri-lo ao meio em que vive porque ele, na verdade, deixará de ser excluído e isolado do meio. Para isso, deve-se deixar de ver aquele que está em condições privilegiadas como um “investimento”, como fazem todos os sistemas praticantes da “*silver economy*”, que foca nos cabelos brancos para vender planos de saúde cada vez mais caros e promissores, viagens de turismo para a terceira idade e produtos mágicos para se prolongar a juventude.

Deve-se lembrar, também, do velho carente emocional e financeiramente, que tanto tem para acrescentar, com toda a sua história de luta pela sobrevivência, em que procurou maneiras variadas de ser ouvido no contexto familiar e social. Para isso, é imprescindível que se mudem as políticas sociais e educacionais propostas pelos governantes, principalmente no Brasil, cujas diretrizes educacionais dão pouca importância à formação do pensar de cada um, haja vista seu descaso por matérias como Filosofia e Artes, de expressiva importância no desenvolvimento da capacidade perceptiva do indivíduo e da difícil arte de convivência em sociedade.

Como professora, gostaria de desenvolver um projeto de repensar o velho na sociedade, a partir dos primeiros anos de vida escolar. Acredito que isso possa ser feito através de dinâmicas e práticas lúdicas. À medida que a criança vai crescendo, esse repensar poderia ser feito também através do uso de leitura e da realização de trabalhos que envolvam a participação do velho no contexto escolar.

Para finalizar, incluo um trecho do texto *Por um mundo Escutador*, de Mia Couto, para reflexão:

Um velho ditado africano avisa: não necessitamos de espelho para olhar o que trazemos no pulso. A visão que temos da nossa História e das nossas dinâmicas não foi por nós construída. Não é nossa. Pedimos emprestado

aos outros a lógica que levou à nossa própria exclusão e à mistificação do nosso mundo periférico. Temos que aprender a pensar e sentir de acordo com uma racionalidade que seja nossa e que exprima a nossa individualidade.

Fomos empurrados para definir aquilo que se chamam “identidades”. Deram-nos para isso um espelho viciado. Só parece reflectir a “nossa” imagem porque o nosso olhar foi educado a identificarmo-nos de uma certa maneira. O espelho deforma o que trazemos amarrado no pulso. Pior que isso: amarra-nos o pulso. E aprisiona o olhar. Onde deveríamos ver dinâmicas vislumbramos essências, onde deveríamos descobrir processos apenas notamos imobilidade.¹

Referências

COUTO, M. Pensatempos. Portugal: Editora Caminho, 2005.

PELLISSIER, J. Com que idade nos tornamos velhos (2013). Disponível em diplomatique.org.br/com-que-idade-nos-tornamos-velhos > Acesso em: 07.06.2017.

MORRONE, B.. A importância do ensino das artes na escola: entrevista com Ana Mae Barbosa (2016). Disponível em epoca.globo.com/ideias/noticia/2016/05/importancia-do-ensino-das-artes-na-escola.html . Acesso em 09.06.2017.

CHALITA, G. Filosofia no currículo escolar (s/d). Disponível em < www.chalita.com.br/index.php/o-escritor/textos/item/81-filosofia-no-curr%C3%ADculo-escolar.html > Acesso em 09.06.2017.

Data de recebimento: 25/07/2017; Data de aceite: 05/09/2017

Sandra Senise - Graduação em Letras. Professora de Inglês e de Português para estrangeiros. Trabalho de Conclusão do Curso de Extensão – Fragilidade na Velhice. Gerontologia Social e Atendimento, da PUC-SP (COGEAE), 2017. E-mail: ssenise@gmail.com

¹ COUTO, 2005, pp. 155-7.